



Editorial:

Fenômeno, mediação e modos de ver

Phenomenon, mediation and ways of seeing

Gustavo Chataignier

A edição 38 da Revista Alceu dá prosseguimento à política de publicações exclusivamente on-line. O presente número, assim, conta com onze artigos originais e uma tradução, com texto inédito em português do pensador francês Jacques Rancière. Além disso, anunciamos a inclusão de duas seções, a serem eventualmente preenchidas, de acordo com as proposições que por ventura nos chegarem: “Entrevistas” e “Tradução”. Outra novidade consiste na continuada mudança de nossa equipe, agora engrandecida com dois reforços: a professora Cristina Matos exerce o papel de assistente editorial, atenta sobretudo às questões de design, e Luiz Baez, mestrando do Programa de Pós-graduação, responde como estagiário responsável por revisões e diversas formas de auxílio. Continuamos, igualmente, com o sistema de análise de artigos às cegas por pares, no intuito de aprimorar ainda mais os debates disponíveis à comunidade leitora. Para isso contamos com fundamental corpo de pareceristas, pesquisadores conscientes de que rigor e transparência empregados em uma leitura atenta só dão a ganhar a todos envolvidos. Não seria disso, aliás, que trata nossa área, a saber, a Comunicação Social? Nosso especial muito obrigado àqueles e àqueles que, por assim dizer, “inventaram” uma brecha temporal e aceitaram nossa proposta.

Abrimos o número com o artigo “indagação” de Jacques Rancière, professor emérito do Departamento de Filosofia da Universidade de Paris 8: “Da Política à Estética?”, se pergunta. O texto, gentilmente cedido pelo próprio, cuja modéstia afirma não ser possível produzir algo semelhante hoje em dia, data de 2005 e foi originalmente redigido em inglês, para o periódico *Paragraph*, da Universidade de Edimburgo, Escócia. O autor rebate a teoria segundo a qual haveria uma inversão entre seus temas de estudo em uma pretensa passagem da política juvenil a um período mais recente tido por estético. Em seus trabalhos sobre a historiografia do movimento operário, se verificou uma revolução temporal no emprego do tempo, tendo como consequência uma descrição poética, mas ainda não conceitual, da invenção de papéis para além do referencial da representação. Se a chamada “revolução estética” detectada no século XIX derruba nobreza e

essencialismos temáticos, a politização da experiência é acompanhada a par e passo pela ideia de impessoalização da linguagem e pela aposta na radical igualdade das inteligências. A ruptura com a mimeses implica que qualquer objeto pode entrar no domínio da arte, fugindo dos panfletos. Tanto a historicidade da política emancipatória quanto a história da arte rompem, assim, com o enfadonho círculo decadência versus progresso. Uma nova partilha nada mais é do que um descentramento, uma desidentificação produtiva, como frisa o autor. Em suma, não se separa, metodologicamente, atividade, interação, acaso e discernimento. Para além do apontamento da política como origem do mal e da arte como o domínio do irrepresentável, trata-se, antes, de buscar práticas novas que ensejam inesperados espaços de liberdade.

“A enunciação melancólica em *No intenso agora*”, de Mariana Duccini, aborda o recente e celebrado documentário de João Moreira Salles “No intenso agora” (2017). A montagem que imbrica material de arquivo com memórias familiares, conduzida por voz em *off*, cria atmosfera de melancolia que tende a fechar o passado a reapropriações, confinando-o à, em termos benjaminianos, história dos vencedores.

“Terra prometida”, de Arthur Autran de Sá Neto, se debruça sobre a formação de quadros nos cinemas brasileiro e argentino, entre os anos de 1932 e 1942. Ainda que houvesse base industrial, em ambos os países, e cultura cinematográfica em crescimento após o cinema falado, a presença de técnicos e diretores estrangeiros na Argentina foi encorajada por produtores, o que teria contribuído para o florescimento da cultura cinematográfica lá gestada – verificável, comparativamente, com o maior número de produções. Seguindo os estudos cinematográficos, Alfredo Suppia e Maria Cristina Melo contribuem com “Do pensamento cinematográfico independente brasileiro”. A partir de levantamento historiográfico, buscam-se linhas demarcatórias, e de fuga, em relação a circuitos de visibilidade *mainstream*. Isso posto, o termo “independente” adquire significação não só estética, mas também técnica e relativa à cadeia produtiva.

“Faure e Canudo: o corpo no formalismo cinematográfico do início do século XX” é o texto de Edson Pereira da Costa Júnior. O artigo analisa a produção crítica e teórica de Élie Faure (1873-1937) e de Ricciotto Canudo (1877-1923) a fim de compreender seus respectivos olhares sobre a figura humana no cinema. Para Faure, trata-se inicialmente de dois caminhos: abstrair o tema e igualmente o corpo em benefício de uma diluição e circularidade dos elementos na imagem; suprimir definitivamente a figura humana. Quanto a Canudo, os textos seguem diferentes direções: a secundarização da figura humana pela proeminência dramática dada ao espaço ou à

ambiência/atmosfera e a conformação do corpo à agitação incessante da imagem. Atualizar tal passado cria constelações com o cinema experimental, a exemplo das realizações de Epstein e Dullac na década de 1920; Stan Brakhage, Maya Deren e Carolee Schneemann nas décadas de 1960 e 1970; Philippe Grandrieux no cinema contemporâneo.

“O ‘Caso Lou’” é analisado por Ana Carolina Santos e Marcelo Bulhões. Trata-se do primeiro romance-reportagem brasileiro, analisado em sua gênese, quando do “ciclo” editorial iniciado pela editora Civilização Brasileira em 1975. Caso de “montagem”, dir-se-ia. A transposição de material jornalístico da revista Manchete, em reportagens de Carlos Heitor Cony, aponta para ressignificação do material em meio ao diálogo entre suportes. Análise e cotejamento foram orientados pelos conceitos de mediação editorial e materialidade textual de Roger Chartier.

Eloisa Loose explora nova seara do jornalismo, surgida em nome da preocupação contemporânea com o meio-ambiente. “Jornalismo e mudanças climáticas: panorama das pesquisas da área e ponderações sobre a cobertura de riscos e formas de enfrentamento” propõe uma análise comparativa entre as reportagens brasileiras e as demais, de distintas procedências. Buscam-se estratégias de sensibilização do espaço público oriunda da visibilidade jornalística.

“Comunicação através das redes sociais digitais: contributos para a promoção da saúde” é a reflexão trazida por Alexandre Nunes. Apesar da evolução do conceito das redes sociais e da multiplicidade de temas disponíveis nas suas redes e partilhas, não há estudos significativos sobre os efeitos no comportamento da população na promoção de estilos de vida saudáveis. No entanto, com esse artigo, vimos que é possível, pelas redes sociais, promover a saúde através de posts, publicações, relato de experiências, imagens e vídeos, e difundir assim boas práticas entre a população. Fábio de Araújo et al. nos relatam “Experiências de Consumo no Samba: um estudo sobre o processo de significação da Feijoada Portelense”. Esses encontros funcionam como espaço de representação e expressão sociocultural, interações e festejos, em que o consumo de variados tipos de pratos resulta em produção de sentidos que articulam festividade e alimento. Por seu turno, “Histórias midiáticas ou midiatização da história das marcas?” é a indagação de Eneus Trindade e Adriana Freitas. Os autores discutem o papel da memória e da história na lógica econômica e midiatizadora das organizações em processos de expansões globais de suas marcas. Observa-se, a partir do naufrágio do Vapor Itagiba no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, a perspectiva de tratamento da construção de sentidos do acontecimento-objeto, referente ao fato



histórico e sua transformação em acontecimento midiático/comunicacional, frente às ações de institucionalização e promoção da marca Nestlé no Brasil.

O papel político da mídia é esmiuçado em “A construção discursiva do Jornal Nacional nas manifestações sociais de 1984, 2013 e 2017”, parceria de Carla Fernandes e Fernando Leme. Pretende-se avaliar como a Rede Globo, por meio do *Jornal Nacional*, atua como ator político em diferentes contextos históricos, a partir do discurso do telejornal, considerando regimes de visibilidade e silenciamentos; adotou-se, como *corpus*, o comício pelas Diretas Já em 1984, as manifestações realizadas em junho de 2013 na cidade de São Paulo e a greve geral ocorrida em abril de 2017.

Fechamos o número com uma discussão filosófica levantada por Dráuzio Gonzaga. Em “Pragmática Transcendental e Ética do Discurso” discute-se a comunidade de comunicação tal como compreendida por Karl-Otto Apel em sua primeira fase. A reflexão transcendental de Apel programa operar uma transformação na filosofia clássica e moderna, deslocando a verdade elaborada por uma consciência solitária e subjetiva, que encadeia logicamente sentenças a partir de sentenças, para a construção de consensos entre sujeitos pragmaticamente interativos e conforme condições *a priori*, cuja negação colocaria os interlocutores inevitavelmente em autocontradição performativa.

Aguardamos suas contribuições e desejamos a todos e a todas uma excelente leitura! Até o próximo número.

Gustavo Chataignier

Editor da Revista Alceu

Professor do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio

Pesquisador associado ao Departamento de Filosofia da Universidade de Paris 8